



Entre o silêncio e o dizível: um estudo discursivo do currículo de língua inglesa em escolas bilíngues

Laura Fortes¹
USP

Resumo: Neste artigo, apresentamos nossa proposta de pesquisa de doutorado, que se dedicará à análise de discursos produzidos em/por algumas instituições escolares bilíngues na cidade de São Paulo, focando especialmente na questão do currículo de língua inglesa. Partimos do atual contexto de ensino de inglês como língua estrangeira nessas instituições, que têm se multiplicado rapidamente no Brasil nas últimas décadas em decorrência de uma demanda crescente pela aquisição desse idioma cada vez mais cedo (Corredato, 2010; Mello, 2002). O interesse específico no currículo justifica-se pelo fato de que, embora seja um instrumento de formalização importante para a escola bilíngue, sua configuração parece ocupar um espaço de dizeres, que organizam determinadas práticas e saberes, mas também um lugar de silenciamentos (Orlandi, 2002). Entendemos que esse funcionamento discursivo configura-se, por um lado, pelo enfraquecimento/ausência de políticas linguísticas relativas à língua inglesa e, por outro lado, pelo fortalecimento da sociedade de mercado (Orlandi 2007). Assim, buscaremos analisar a constituição do (discurso sobre o) currículo a partir de um olhar discursivo segundo o qual as línguas não podem ser concebidas fora de sua relação com o político e com o histórico (Pêcheux, 1975; Pêcheux, 1983; Orlandi, 2001; Orlandi, 2007).

Palavras-chave: Análise de Discurso, escola bilíngue, currículo de língua inglesa

Abstract: This paper aims at presenting our doctoral research proposal, whose main objective is to analyze discourses produced in/by some bilingual school institutions in São Paulo city, focusing specially on issues related to the English language curriculum. We depart from the current context of EFL teaching in those institutions, which have been spreading all over Brazil in the last decades due to an increasing demand for the acquisition of this language at an earlier and earlier age (Corredato, 2010; Mello, 2002). Our specific interest in studying the curriculum is justified by the fact that, although it plays an important role as a formalization tool in the bilingual school, its configuration seems to encompass sayings which organize certain practices and knowledge and, at the same time, constitutes silencing processes (Orlandi, 2002). We understand that this discursive functioning is constituted, on the one hand, by the weakening/absence of linguistic policies on EFL teaching in Brazil and, on the other hand, by the strengthening of the market society (Orlandi 2007). Therefore, we propose to analyze the constitution of the (discourse about) the curriculum in a discursive perspective according to which languages cannot be conceived as detached from their relationship with the political and the historical (Pêcheux, 1975; Pêcheux, 1983; Orlandi, 2001; Orlandi, 2007).

Keywords: Discourse Analysis, bilingual school, English language curriculum

¹ laurates@usp.br



1. Introdução

Em nossa pesquisa de Mestrado (FORTES, 2008) realizamos uma análise discursiva das concepções de “erro” enunciadas por professores de língua inglesa em contextos de ensino em instituições públicas e particulares da cidade de São Paulo, buscando delinear algumas representações de (ensino de) língua estrangeira nesse espaço discursivo. A partir desse recorte, foi possível observar a predominância da representação da língua inglesa como gramática e a representação da língua como instrumento de comunicação.

Ao analisar a materialidade linguística dos enunciados produzidos pelos professores, elencamos como característica principal da primeira representação o funcionamento de uma regulação de sentidos em torno do significante “erro” a partir de uma redução do conceito de língua a um sistema fechado e controlado por regras que não podem ser violadas, instaurando a dicotomia “certo” (gramatical) x “errado” (agramatical).

Ainda protagonizando o dizer dos professores em nossa análise, observamos que a segunda representação ancora-se no discurso do Inglês como Língua Internacional², (re)produzindo sentidos de “erro” que evocam um julgamento do nível de comunicabilidade do sujeito-aprendiz e convocam o sujeito-professor a priorizar a oralidade em suas práticas em sala de aula.

Ao sobrevalorizar a produção oral, essa formação discursiva coloca em funcionamento um ideal de super-comunicação na língua inglesa a ser alcançado pelo aprendiz. O professor, por sua vez, constitui sua identidade profissional por meio desse ideal, relacionando a “qualidade” de seu trabalho à “produção oral”, à “competência comunicativa” alcançada pelo sujeito-aprendiz.

Essas conclusões, decorrentes da análise do funcionamento discursivo então em questão, levaram a questionamentos e inquietações que, após a conclusão da pesquisa, distanciaram-nos cada vez mais do objeto de estudo principal do trabalho, i.e., discursos sobre o “erro”, e aproximaram-nos da busca por uma compreensão mais aprofundada sobre o funcionamento do discurso do Inglês como Língua Internacional em contextos formais de aprendizagem de língua estrangeira, especialmente em escolas bilíngues.

² Esse discurso tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores pós-modernos na área de educação e linguagem, tais como Phillipson (1993), Pennycook (1994) e Rajagopalan (2003, 2006).



O interesse específico nessas instituições decorreu de conversas informais com colegas professores de língua inglesa que trabalham nesse contexto, o que levou à comprovação (empírica) de uma hipótese: recentemente as escolas bilíngues têm recebido muitos filhos de brasileiros – tanto quanto ou até mais do que filhos de estrangeiros falantes nativos de língua inglesa – interessados em uma aprendizagem de língua inglesa cada vez mais precoce.

Esse fenômeno tem sido retratado na mídia como algo muito “benéfico” e, na maioria dos casos, relatado com certo tom de “enaltecimento”, como se pode observar nas seguintes manchetes:

Título da matéria	Local de publicação	Data
Fluência em um segundo idioma e acesso ao estudo no exterior atraem brasileiros para escolas bilíngues	Site do Jornal O Globo (Organizações Gobo) ³	24/01/2008
Brasileiros buscam educação bilíngue para os filhos	Site do jornal Gazeta do Povo (GRPCom – Grupo Paranaense de comunicação) ⁴	28/01/2008
To be or not to be?	Site da Revista Educar para Crescer (Grupo Abril) ⁵	08/12/2009
Cresce procura por escolas bilíngues no País	Site do Jornal O Estado de São Paulo (Grupo Estado) ⁶	22/01/2010
Crianças são matriculadas em escolas bilíngues cada vez mais cedo	Site do R7 Notícias (Grupo Record) ⁷	03/06/2010
Brasil se acostumou a ser monolíngue; leia íntegra do bate-papo com pedagoga	Site do jornal Folha de São Paulo (Grupo Folha) ⁸	27/09/2010

³ Texto integral disponível em:

http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2008/01/24/fluencia_em_um_segundo_idioma_acesso_ao_estudo_no_exterior_atraem_brasileiros_para_escolas_bilingues-328181639.asp

⁴ Texto integral disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/parana/conteudo.phtml?id=732861>

⁵ Interessou-me o lead da notícia: “Com o avanço da globalização, os colégios bilíngues do Rio de Janeiro se tornaram uma opção ainda mais interessante - mas não para todas as crianças”. Texto integral disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/escolas-bilingues-rio-518033.shtml>

⁶ Texto integral disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-procura-por-escolas-bilingues-no-pais,499839,0.htm>

⁷ Texto integral disponível em: <http://noticias.r7.com/vestibular-e-concursos/noticias/criancas-sao-matriculadas-em-escolas-bilingues-cada-mais-cedo-20100603.html>

⁸ Texto integral disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saber/805482-brasil-se-acostumou-a-ser-monolingue-leia-integra-do-bate-papo-com-pedagoga.shtml>



Podemos dizer que esses enunciados estão ancorados em uma região do interdiscurso que torna evidente⁹ uma representação social de demanda crescente (e, muitas vezes, quase em caráter de urgência) pela aquisição da língua inglesa cada vez mais cedo no Brasil.

O desejo de compreender o percurso histórico e as implicações políticas desse fenômeno social instigou-nos a elaborar algumas perguntas iniciais:

- a) Por que essa procura por escolas bilíngues tem crescido tanto entre os brasileiros?
- b) Essa demanda crescente poderia constituir um dos efeitos do discurso do inglês como língua internacional?

Ao realizar um estudo de caso numa escola bilíngue em São Paulo, Corredato (2010) enfoca o Programa de Imersão Total Precoce como uma das principais modalidades de ensino bilíngue oferecidas no estado de São Paulo. Em sua pesquisa, Corredato compara as especificidades didático-pedagógicas dessa modalidade com aquelas apresentadas por estudos canadenses que deram origem a esse sistema de ensino. Para tanto, a pesquisadora analisa os diversos conceitos do bilinguismo, as motivações que levam famílias brasileiras a matricularem seus filhos em escolas bilíngues e algumas políticas públicas envolvidas na estruturação do ensino bilíngue no Brasil.

Detenhamo-nos na questão das motivações que levam os pais a matricularem seus filhos em escolas bilíngues, um dos temas pesquisados por Corredato em uma escola bilíngue em São Paulo. Para fazer esse levantamento, a pesquisadora enviou para pais de alunos um questionário de opinião composto de 4 questões de múltipla escolha, das quais destacamos apenas a primeira:

Quanto às razões para a escolha do ensino bilíngue:

⁹ Segundo Althusser (1989, p. 94, 95), “como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusive as evidências da ‘transparência’ da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e até aí que não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. Este é, aliás, o efeito característico da ideologia – impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se trata de ‘evidências’) as evidências como evidências, que não podemos deixar de **reconhecer** e diante das quais, inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no ‘silêncio da consciência’): ‘É evidente! É exatamente isso! É verdade!’.” (grifo do autor).



1) Das razões apontadas a seguir, assinale aquelas que te levaram a optar por uma escola bilíngue para seus filhos. Você pode assinalar quantas alternativas julgar adequadas.

- () Acredito que desta forma meus filhos terão a vivência de uma cultura estrangeira.
 - () Acredito que falar bem uma segunda língua é hoje fundamental.
 - () Acredito que seja uma oportunidade de melhor preparar meus filhos para o mercado de trabalho.
 - () Acredito que esta oportunidade preparará melhor meus filhos para dar sequência a seus estudos no colégio e na faculdade.
 - () Falamos inglês em casa e gostaria que meus filhos mantivessem seu contato com a língua.
 - () Temos a intenção (ou vemos a possibilidade) de mudar para outro país e gostaríamos que nossos filhos estivessem melhor preparados para dar seguimento a seus estudos.
 - () Escolhi esta escola por indicação de amigos/parentes. O fato de ser bilíngue não foi um diferencial para minha escolha.
 - () Ainda não tenho uma opinião formada a respeito deste assunto.
 - () Escolhi uma escola bilíngue por outras razões. (Especificar quais nas linhas abaixo.)
-
-

(CORREDATO, 2010, p. 120)

De 260 questionários enviados, 134 foram respondidos (51,5%), uma vez que a pesquisa não foi feita em caráter compulsório. Não proporemos aqui a análise da metodologia aplicada pela pesquisadora para a elaboração do questionário, tampouco as condições de produção envolvidas em sua aplicação. Neste momento, interessa-nos, porém, destacar sua análise de alguns resultados dessa amostragem, que julgamos ser bastante significativos para nossa futura investigação:

Dentre as razões para a escolha de uma escola bilíngue para seus filhos, a mais frequentemente apontada pelos pais foi a crença de que falar bem uma segunda língua é hoje fundamental em nossa sociedade, sendo mencionada em 94,5% dos questionários. [...] **Ser capaz de comunicar-se e interagir com o mundo** é uma habilidade almejada por muitas pessoas, e proporcionar esse aprendizado a seus filhos de forma mais natural possível aparenta ser a principal motivação para o crescimento na busca por escola bilíngues em São Paulo. Alguns pais chegaram a mencionar que a crença de não apenas falar bem uma segunda língua, mas mais especificamente a língua inglesa, ser hoje fundamental, foi sua principal motivação para a escolha da educação bilíngue, confirmando a hegemonia da língua inglesa [...]. Em segundo lugar dentre as razões apontadas ficou a crença de ser esta uma **oportunidade de melhor preparar os filhos para o mercado de trabalho**, figurando em 84,7% dos questionários. Muitas ofertas de empregos determinam como pré-requisito de seleção a capacidade de falar bem uma segunda língua, especialmente aquelas para cargos administrativos. A presença de empresas multinacionais em nosso país justifica parte desta demanda, mas também o fato de que conhecimentos amplos de uma outra língua são geralmente indicativos de uma visão de mundo diferenciada, [...]. (Ibid., p. 67, 68, grifos nossos).

Destacamos dois enunciados que nos chamaram a atenção por evocarem sentidos produzidos pelo discurso do inglês como língua internacional. Podemos dizer que esse



funcionamento discursivo cria, assim, uma necessidade de aprender a língua para poder “comunicar-se com o mundo” (PAYER, 2005), uma vez que a língua inglesa constitui, na conjuntura atual, uma “língua veicular” (CELADA, 2002, p. 86), ou seja, “urbana, estatal ou mesmo mundial, língua de sociedade, de troca comercial”, encontrando-se “em toda parte” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 36-37).

Ao estudar o ensino de inglês para crianças no Brasil, Garcia (2009) aponta para um funcionamento discursivo similar, analisando elementos do interdiscurso que constituem representações sobre o bilinguismo/ensino bilíngue veiculadas pela mídia nesse contexto histórico-social. Segundo a pesquisadora, a globalização impõe uma demanda por excelência e produtividade máxima (“qualidade total” aplicada à educação), impulsionando a busca pela aprendizagem da língua inglesa cada vez mais cedo. Nesse discurso,

o lugar da criança parece estar alinhado ao lugar do proletário, que se submete às regras do mercado, se internacionaliza. [...] A criança existe no futuro, como trabalhador, como competidor, como concorrente que deve se destacar por suas habilidades, e preparar-se desde muito cedo. [...] A tensão presente no processo de globalização e a urgência do acesso à LE conseqüência da lógica desse novo mercado cria nos pais grande ansiedade quanto ao lugar que seus filhos ocuparão no mercado futuro de trabalho. (GARCIA, 2009, p. 7, 8, 12)

Esse processo de subjetivação em que a “internacionalização de si” (Ibid., p. 7) parece constituir uma convocação do discurso da globalização funciona a partir do processo de mercantilização da instituição escolar, especialmente no contexto atual de educação bilíngue, em que “a língua e o processo de aprender uma língua são representados como vias de acesso à cultura e ao mercado do mundo global ou no âmbito do mercado e do lazer.” (Ibid., p. 10)

Tendo em vista essas considerações e o esboço de análise discursiva inicial aqui apresentado a partir dos pesquisadores citados, passamos a refletir sobre a complexidade dos processos de produção de saberes sobre o inglês como língua estrangeira, sobre o ensino e a aprendizagem na escola bilíngue e sobre os sujeitos envolvidos nessas práticas pedagógicas no contexto sócio-político brasileiro na contemporaneidade. A partir dessa reflexão, outras perguntas passaram a nos instigar:

- a) Tendo em vista os processos de subjetivação observados, como se estruturam esses saberes nesse espaço institucional específico?



- b) Como se formalizam, se estabilizam e se legitimam determinadas práticas pedagógicas envolvidas nos processos de produção e de circulação de determinadas formações discursivas (tais como as mencionadas acima)?

Essas perguntas direcionaram nosso olhar para um instrumento de formalização de saberes presente na instituição escolar, o currículo, cuja análise poderia encaminhar nossa investigação na busca da compreensão do espaço discursivo que temos tentado delinear.

Entretanto, ao pesquisarmos documentos curriculares oficiais que regem o ensino de língua estrangeira na educação básica, não localizamos nenhum registro de determinações regulamentadoras acerca do funcionamento de escolas bilíngues (português/inglês)¹⁰. Diante da ausência dessa regulamentação passamos a questionar como, então, essas instituições estavam estruturadas e autorizadas diante dos órgãos públicos de educação, tanto no nível municipal, quanto no estadual e no federal.

Segundo Corredato (2010), o funcionamento das escolas bilíngues passa a ser garantido a partir do Art. 104 da LDB de 1961, que autorizou a organização de “escolas experimentais”, e do Art. 64 da LDB de 1971, que validou o trabalho nessas instituições. Com a LDB de 1996, esses artigos são excluídos e autoriza-se o funcionamento de todos os estabelecimentos de ensino com projetos pedagógicos próprios, desde que garantam os requisitos curriculares mínimos estabelecidos. Assim,

[s]alvo as escolas indígenas, que receberam a partir desta data especial atenção e incentivo para elaboração de proposta pedagógica própria, as demais escolas bilíngues brasileiras baseiam-se fundamentalmente na existência desta garantia para ter seu funcionamento regulamentado. Desde que observadas as características mínimas necessárias para seu registro como escola nacional (base curricular nacional e número de horas e dias letivos mínimos especificados pela lei, por exemplo), qualquer escola que complemente sua proposta pedagógica com um currículo bilíngue tem seu funcionamento garantido, sem a necessidade de prévia autorização. (Ibid., p. 49).

Embora funcionem como um espaço de legitimação para o estabelecimento de escolas bilíngues, observemos que nenhum desses documentos faz referência particular à sua

¹⁰ Conversas informais com professores que trabalham em instituições bilíngues também apontam para a ausência dessa regulamentação, ficando a cargo de cada escola a formalização e a documentação curricular relativas ao ensino da língua estrangeira.



implementação e estruturação, levando em consideração suas especificidades no contexto político-linguístico-social em que vivemos.

Não obstante, é importante ressaltar que, após solicitação de autorização de funcionamento de algumas instituições, determinadas regulamentações para o funcionamento de escolas bilíngues foram deliberadas estritamente no âmbito da Educação Infantil pelo Conselho Municipal de Educação do Rio de Janeiro (deliberação n. 15 de 29 de maio de 2007 e parecer n. 1 de 18 de setembro de 2007) e de São Paulo (C.M.E. n. 135 de 11 de dezembro de 2008).

Ainda assim, apontamos para a predominância de um teor prático, burocrático e operacional nessas regulamentações, cujos enunciados enfatizam critérios para a classificação da instituição escolar como “bilíngue” e deixam para segundo plano uma discussão mais aprofundada da questão política e social envolvida no ensino da língua estrangeira nesse contexto educacional.

Tendo em vista essas considerações, julgamos necessária e relevante uma análise desse espaço de contingências que se configura em torno do currículo (e de discursos sobre o currículo) de língua inglesa na escola bilíngue, buscando investigar a complexidade de seu funcionamento.

2. Justificativa

O interesse em questões relativas ao bilinguismo (inglês/português) no Brasil tem se intensificado nos últimos anos e produzido muitas pesquisas, principalmente nas áreas da Linguística Aplicada e da Educação, como podemos observar nos trabalhos de Carriker, (1998), Coelho (2009), Corredato (2010), David (2007), Mello (2002) e Moura (2009), apenas para citar alguns.

Entendemos que esses estudos sejam de suma importância para o processo de mapeamento da estruturação do ensino bilíngue (especificamente inglês/português) no Brasil, trazendo discussões bastante pertinentes quanto às implicações pedagógicas, cognitivas, psicolinguísticas e sociolinguísticas envolvidas no processo de formação proposto nesse contexto.

Entretanto, observamos que tais estudos, embora apontem para indícios do problema do currículo, não avançam numa discussão mais minuciosa da dimensão político-ideológica



implicada no espaço de contingências¹¹ em que se configura a estruturação do currículo de língua inglesa na escola bilíngue. Delineamos, portanto, um objeto de estudo que se propõe a uma análise discursiva que possa abranger as especificidades dessa discussão.

Assim, nosso interesse específico no currículo justifica-se pelo fato de que, embora seja um instrumento de formalização importante para a instituição escolar, frequentemente sua configuração parece não estar suficientemente solidificada e padronizada, dando lugar a silenciamentos (Orlandi, 2002) engendrados, por um lado, pelo enfraquecimento/ausência de políticas linguísticas relativas à língua inglesa e, por outro lado, pelo fortalecimento da sociedade de mercado (Orlandi 2007a).

Entendemos que esse processo de silenciamento (estabelecido no jogo presença/ausência do currículo) apresenta-se como uma problemática atual importante no que concerne às questões de ensino e aprendizagem de inglês/língua estrangeira em nosso país, constituindo um objeto de estudo bastante profícuo para o desenvolvimento de uma análise discursiva que inaugure e aprofunde uma discussão sobre as implicações históricas, políticas, sociais e ideológicas desse complexo espaço de produção de saber e poder imbricado no funcionamento da instituição escolar bilíngue.

Julgamos que esse espaço de discussão e reflexão possa contribuir para a compreensão de processos de objetivação e de subjetivação presentes nas práticas pedagógicas às quais professores e alunos devem se sujeitar na sala de aula de língua estrangeira, levando a uma análise inédita e minuciosa dos processos identitários envolvidos nesse contexto específico.

Finalmente, procuraremos contribuir também para a elaboração de um mapeamento histórico-discursivo de diferentes concepções de bilinguismo e sua repercussão no contexto educacional em nossa sociedade a partir da análise das políticas linguísticas no Brasil, tendo em vista a especificidade do ensino de inglês na educação bilíngue e trazendo à tona a discussão sobre a necessidade e a urgência de se ensinar e aprender uma “língua internacional”.

¹¹ Em sua bela explicação sobre o conceito de “contingência” na formação de professores de inglês, Costa (2008) analisa propostas curriculares no Ensino Superior (Licenciatura e Letras) e enfatiza “a incorporação da incerteza, da dúvida, da contingência nas propostas curriculares, para que professores e futuros docentes possam ensinar, movimentando-se com mais autonomia em terrenos de incertezas.” (*Ibid.*, p. 76).



3. Objetivos

Partindo de uma perspectiva discursiva segundo a qual as línguas não podem ser concebidas fora de sua relação com o político e com o histórico (Pêcheux, 1988; Pêcheux, 2002; Orlandi, 2001; Orlandi, 2007a), buscaremos analisar discursos produzidos em/por algumas instituições escolares bilíngues na cidade de São Paulo, focando especialmente a questão do currículo, como salientamos anteriormente.

A fim de compreender esse funcionamento discursivo, delinearemos dois eixos de análise: a) os efeitos de sentido produzidos por concepções de língua inglesa, principalmente as que remetem ao discurso do inglês como língua internacional (PENNYCOOK, 1994); e b) os efeitos de sentido produzidos por concepções de bilinguismo, procurando observar as complexas relações (de poder) entre as línguas (BAGHIN, 2001; MELLO, 2002) nesse contexto histórico-social.

Considerando esses eixos, buscaremos alcançar os seguintes objetivos no decorrer da pesquisa:

- Identificar e analisar os diferentes efeitos de sentido de bilinguismo presentes nos discursos sobre educação bilíngue no contexto institucional específico da pesquisa;
- Identificar e analisar as representações sobre a língua inglesa nas instituições bilíngues, buscando confirmar (ou não) nossa hipótese de que há uma predominância da representação do inglês como “língua global”, de “comunicação universal”, “internacional”;
- Observar e analisar representações sobre a língua portuguesa em escolas bilíngues, procurando compreender que relações essa língua estabelece com a língua inglesa nesse espaço institucional;
- Delinear (e refletir sobre) a natureza e o papel do currículo de língua inglesa em práticas discursivas e não-discursivas que circulam em instituições bilíngues;
- Analisar os silenciamentos produzidos nesse espaço discursivo, tentando traçar um percurso interdiscursivo em suas relações com as políticas linguísticas em São Paulo e no Brasil;



- Identificar e analisar as possíveis relações entre as formações discursivas delineadas e os processos identitários dos sujeitos envolvidos em práticas de ensino bilíngues (professores e coordenadores, majoritariamente).

Ressaltamos, enfim, que esses objetivos orientarão nossa pesquisa para a realização de uma análise discursiva do currículo de língua inglesa em instituições bilíngues, constituindo um espaço de discussão e reflexão sobre historicidades, ideologias, subjetividades, políticas, saberes e poderes envolvidos na produção e circulação de sentidos sobre essa língua estrangeira em nossa sociedade.

4. Pressupostos Teóricos

Nosso olhar para o objeto de estudo desta pesquisa, o currículo, assumirá um caráter discursivo, baseado particularmente na linha teórico-metodológica pecheutiana de Análise de Discurso, em constante diálogo com o pensamento filosófico de Michel Foucault.

Desse modo, no decorrer de nossa análise discursiva, mobilizaremos alguns conceitos essenciais dessa linha teórica, dos quais destacamos: formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso, sujeito e acontecimento. Esses e muitos outros conceitos serão ressignificados interpretados à luz de nosso objeto discursivo, e, assim, mobilizados no decorrer de nossa análise, justificando nossa escolha por não fazer aqui uma exposição conceitual descontextualizada, o que engessaria a teoria e não possibilitaria a tensão descrição/interpretação (PÊCHEUX, 2002) implicada no processo de construção do dispositivo analítico específico a que nos dedicaremos nesta pesquisa.

Entretanto, julgamos necessário fazer alguns apontamentos a respeito de determinadas noções teóricas que vislumbramos como essenciais para engendrarmos um processo de delimitação desse dispositivo analítico, ainda em fase inicial de construção: currículo, silenciamento, bilinguismo e políticas linguísticas.

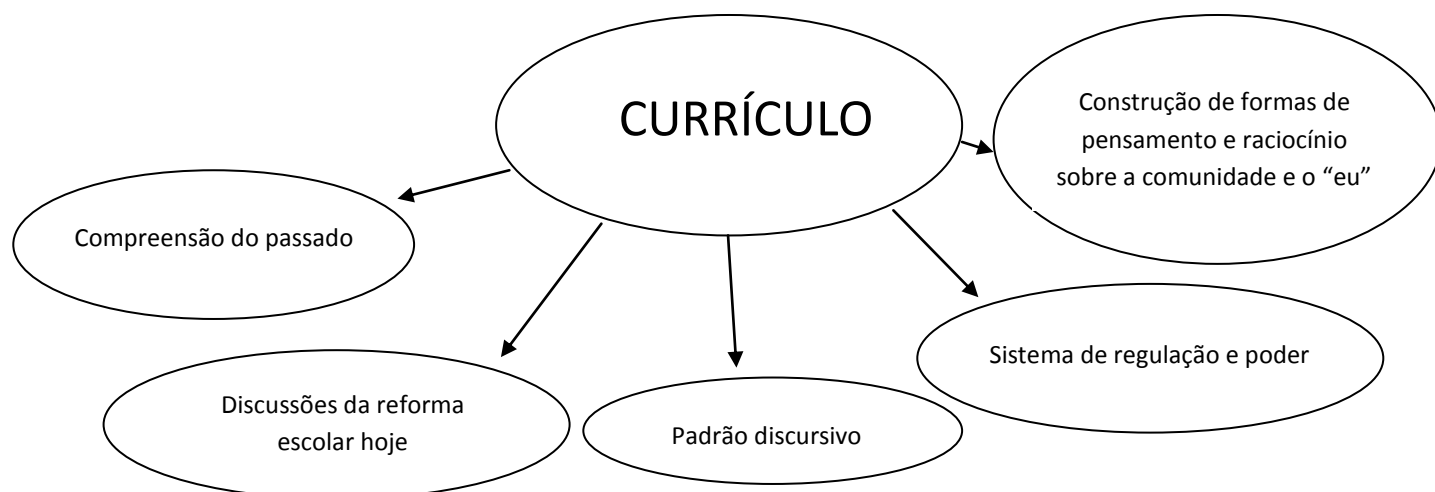
Primeiramente, falemos sobre a noção de currículo proposta por Popkewitz (2002), que apresenta uma análise discursiva – que o pesquisador aproxima do conceito de “epistemologia social” – desse espaço de conhecimento, tido como um mecanismo de regulação social, tendo em vista que “a organização do conhecimento corporifica formas particulares de agir, sentir, falar e ‘ver’ o mundo e o ‘eu’.” (Ibid., p. 174). Ele enfatiza, assim, a



relação entre o conhecimento curricular e questões de regulação e poder, sintetizando, desse modo, uma definição:

O currículo, pois, pode ser visto como uma invenção da modernidade, a qual envolve formas de conhecimento cujas funções consistem em regular e disciplinar o indivíduo. [...] O currículo é uma imposição do conhecimento do 'eu' e do mundo que propicia ordem e disciplina aos indivíduos. A imposição não é feita através da força bruta, mas através da inscrição de sistemas simbólicos de acordo com os quais a pessoa deve interpretar e organizar o mundo e nele agir. [...] (Ibid., p. 186)

Assim, nessa perspectiva discursiva-social proposta por Popkewitz, o currículo torna-se um instrumento social através do qual “a razão e a individualidade são construídas” (Ibid., p. 194), mobilizando determinados elementos que esquematizamos a seguir:



Todos esses elementos fazem parte da rede discursiva nas quais os sentidos sobre o currículo são produzidos e ancorados. Nosso objetivo será analisar como se dá o funcionamento desses sentidos (e de outros que identificarmos em nosso corpus de pesquisa) e como estão envolvidos na produção de poder e saber sobre o ensino do inglês/língua estrangeira na escola bilíngue.

É importante que ressaltemos que, como apontamos no início deste texto, o funcionamento desse discurso sobre o currículo está marcado por um processo de silenciamento, que está sujeito a rupturas apenas no nível local de cada comunidade escolar, a



qual estabelece, a partir de seu projeto político-pedagógico, as bases curriculares que orientam a organização dos conteúdos e a forma como eles serão ministrados.

Quando falamos em silenciamento, referimo-nos ao conceito teorizado por Orlandi (2002) a partir da reflexão sobre os sentidos do silêncio numa perspectiva discursiva:

Chegamos então a uma hipótese que é extremamente incômoda para os que trabalham com a linguagem: **o silêncio é fundante**. Quer dizer, o silêncio é a matéria significativa por excelência, um continuum significativo. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso. (ORLANDI, 2002, p. 31, grifo da autora.)

Evidentemente, não é do silêncio em sua materialidade física de que falamos aqui mas do silêncio como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significativa. O silêncio de que falamos instala o limiar do sentido. (Ibid., p. 70)

A hipótese de Orlandi se desdobra, assim, para uma longa reflexão sobre a incompletude constitutiva da linguagem e do sujeito, afirmando que “todo o processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio” (Ibid., p. 54), o qual significa em um espaço de “significação selvagem” em que emergem a contradição, a ruptura, o equívoco, sem a “domesticação” produzida pelo dizer (Ibid., p. 56).

Ao lado da natureza constitutiva do silêncio fundante, Orlandi coloca a natureza contingente da “política do silêncio”, ou “silenciamento”: “como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito, ao dizer ele está, necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos.” (Ibid., p. 54, 55). Assim, o que não é dito, o que é silenciado, constitui, por isso mesmo, significação, “[produzindo] um recorte entre o que se diz e o que não se diz” (Ibid., p. 75).

Consideraremos essas definições teóricas para compreender como funciona esse “recorte” no caso específico do acontecimento discursivo que temos tentado delinear aqui. Assim, entendemos que a noção de silenciamento nos auxiliará a identificar significações produzidas nesse espaço de não-dizer instaurado pela política do silêncio que, como já afirmamos em nossa hipótese, se instaura nos processos discursivos relacionados ao currículo de língua inglesa na escola bilíngue.



Outra noção de suma importância para nossa pesquisa será a de bilinguismo, que apresenta definições e categorizações complexas no âmbito da sociolinguística e da psicolinguística, como apontam pesquisadores mencionados anteriormente¹².

Procuraremos interpretar e discutir esse fenômeno linguístico a partir do estudo discursivo de Baghin (2001) sobre declarações do deputado federal Aldo Rebelo publicadas no jornal A Folha de São Paulo (29/09/1999), nas quais ele se refere ao projeto de lei nº 1676/99 de sua autoria.

Não nos detenhamos aqui na questão específica sobre a qual a pesquisadora discorre, mas ressaltamos algumas temáticas abordadas sobre bi e plurilinguismo no Brasil: a “atitude” do falante em relação às diferentes línguas; o imaginário social construído sobre a importância das línguas; as diversas definições de “bilíngue”; o “semilinguismo”. Baghin ressalta que essas questões abordadas pelo campo da linguística aplicada e da sociolinguística implicam uma concepção de sujeito intencional, que, embora não seja condizente com a linha teórica adotada em sua análise, “possibilita repensar o contexto linguístico-político brasileiro a partir das considerações feitas sobre contextos e práticas bilíngues” (Ibid., p. 102).

Aproximemos essa discussão de Baghin à reflexão de Orlandi (2007a) sobre a noção de política linguística, a qual também será mobilizada em nossa análise:

Uma língua é um corpo simbólico-político que faz parte das relações entre sujeitos em sua vida social e histórica. Assim, quando pensamos em política de línguas já pensamos de imediato nas formas sociais sendo significadas por e para sujeitos históricos e simbólicos, em suas formas de existência, de experiência, no espaço político dos sentidos.” (Ibid., p. 8)

Tendo em vista essa concepção de língua como um fenômeno social, inerentemente político, portanto, cabe-nos perguntar como a língua inglesa significa para/em sujeitos brasileiros nesse espaço simbólico e quais são os efeitos desses sentidos em nossa constituição identitária.

Certamente, não podemos deixar de salientar a necessidade de olhar para esse campo do político como um lugar de luta, de resistência, de submissão, de conflito, de contradição, enfim, lugar perpassado por relações de poder, principalmente se considerarmos a

¹² Cf. trabalhos de Carriker, (1998), Coelho (2009), Corredato (2010), David (2007), Mello (2002) e Moura (2009).

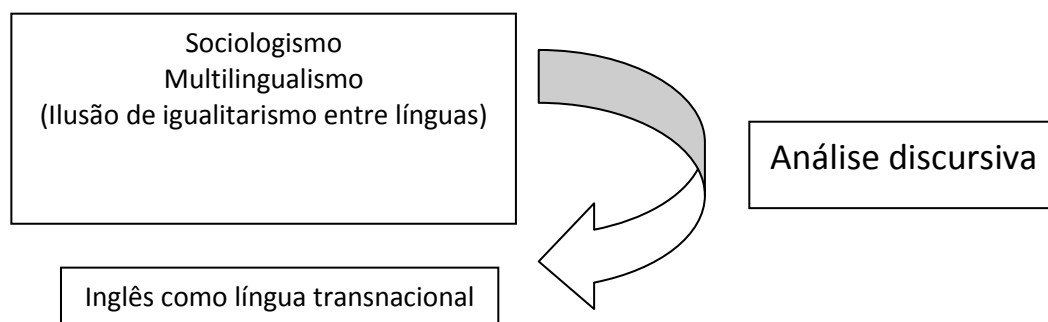


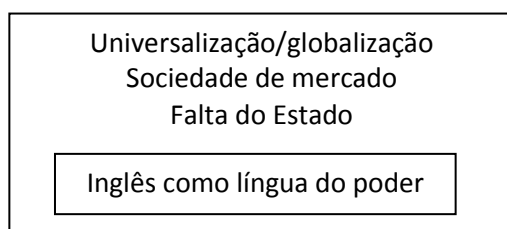
predominância do “discurso do multilinguismo” (Ibid., p. 60) na sociedade atual, como nos lembra Orlandi:

[...] na sociedade de mercado, falamos em usuários, em múltiplas línguas (multilinguismo), em falares, em dialetos, em multiculturalismo, em comunidades (e não sociedade). [...] Se antes devíamos abandonar o falar local, a língua materna, pela noção de unidade, a nacional, hoje nos fragmentamos em falares locais, dificilmente visíveis, pouco conhecidos (não gramatizados), enquanto do outro lado, flui livremente, sustentado por uma enorme quantidade de instrumentos linguísticos, e com toda a visibilidade, e apoio tecnológico, a língua (franca) ‘universal’ da comunicação e do conhecimento: o inglês. Língua dominante do espaço digital, o espaço da multidão de usuários. Usuários de uma grande variedade de inglês. Aqui vale chamar a atenção para o que estamos dizendo e que explica o uso das aspas em ‘universal’: o que se apresenta como universal é justamente o que é resultante do poder dominante. É pois uma **questão política silenciada**. (Ibid., p. 60, 61, grifo nosso).

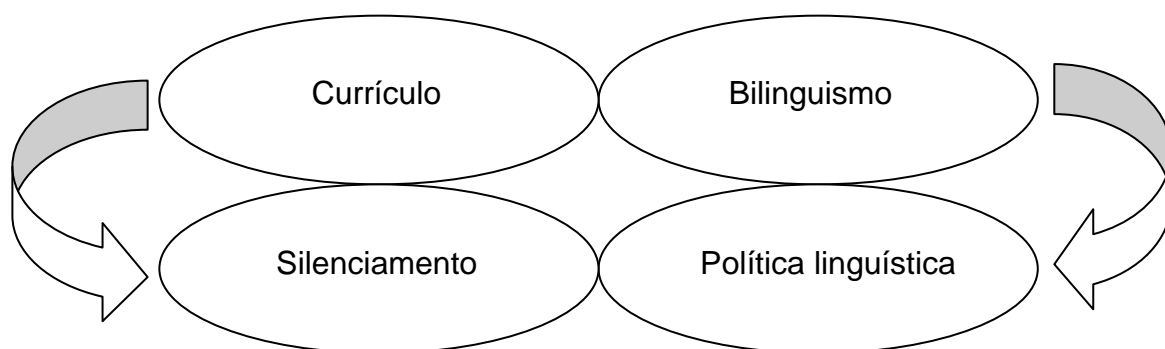
Orlandi parece tocar justamente na problemática que apresentamos anteriormente e que constituirá um dos principais focos de nossa análise: a questão do silenciamento político, que, nesse caso específico, pode ser observado no processo de significação do currículo de língua inglesa em instituições escolares.

Enfatizamos que buscaremos estudar esse funcionamento discursivo tendo em vista a sociedade de mercado em que vivemos na contemporaneidade e o papel que a língua inglesa assume nesse contexto histórico-social, como Orlandi sintetizou em suas considerações sobre o discurso do multilinguismo, que deriva do sociologismo e é interpretado como um fenômeno muito “benéfico” para a sociedade, pois promove um olhar “igualitário” sobre as línguas. O efeito ideológico desse processo discursivo encontra-se exatamente no fato de que instaura um apagamento das relações de poder e de dominação política existente no espaço de convivência entre as línguas. Esquematizamos essas considerações tão relevantes de Orlandi (2007, p. 59-61) no diagrama a seguir:





Assim, nosso dispositivo analítico estará estruturado em quatro bases teórico-metodológicas em inter-relação constante, que visualizamos da seguinte forma:



No decorrer de nossa análise, procuraremos mobilizar esses pressupostos teóricos a fim de compreender as formações ideológicas que sustentam os mecanismos de produção, regulação e legitimação de saberes (Popkewitz, 2002) em funcionamento no (discurso sobre) o currículo de língua inglesa num jogo entre o silêncio e o dizível.

5. Metodologia de Pesquisa

A realização desta pesquisa será dividida em algumas etapas que incluirão um aprofundamento teórico-metodológico, o levantamento de documentos oficiais sobre o currículo de língua estrangeira no Brasil, a elaboração de questionários para a realização de entrevistas semi-estruturadas com coordenadores e professores, a realização de entrevistas semi-estruturadas com coordenadores e professores de escolas bilíngues em São Paulo, o



levantamento de currículos de língua inglesa das escolas bilíngues pesquisadas, e, finalmente, a análise discursiva dos corpora.

Entendemos que seja importante detalharmos aqui alguns princípios teórico-metodológicos que orientarão o cumprimento dessas etapas, a fim de que possamos esclarecer como esse processo de pesquisa funcionará à luz de nosso embasamento teórico principal, i.e, a Análise de Discurso, que

[...] trata a questão da interpretação restituindo a espessura à linguagem e a opacidade aos sentidos. Ela propõe, então, uma distância, uma desautomatização da relação do sujeito com os sentidos. Na perspectiva da historicidade, que é a da análise de discurso, [...] se critica a “familiaridade”, [...], [e] se procura **desfazer as evidências**, ou melhor, se procura não ficar na familiaridade, conquanto esta representa efeitos de evidência produzidos por processos de significação bem menos transparentes e mais indiretos. Os sentidos não “brotam” das palavras. (ORLANDI, 2007b, p. 99, grifo nosso)

Tomamos, portanto o procedimento metodológico da interpretação como o dispositivo analítico a partir do qual nos aproximaremos desse lugar de desconstrução das “evidências” (formações ideológicas) que, como mencionamos no início deste texto, constituem o imaginário sobre a língua inglesa em nossa sociedade. Assim, concordamos novamente com Orlandi quando afirma que “[a] interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é materializada pela história.” (Ibid., p. 18).

Ressalvamos, porém, que, como analistas de discurso, somos também interpelados pela ideologia e, portanto, não podemos afirmar a possibilidade de uma análise discursiva totalmente isenta de evidências de sentido. Entretanto, o dispositivo analítico elaborado para o processo de interpretação deverá ser minuciosamente configurado a fim de que constitua um lugar de possibilidade de irrupção de equívocos/deslocamentos através dos quais seja possível compreender determinados efeitos de sentido a partir de suas filiações (inter)discursivas.

Tendo em vista essa consideração teórico-metodológica, cuidamos para organizar nossos corpora de modo a viabilizar uma aproximação interpretativa desse recorte discursivo que promova desestabilizações e traga à tona a heterogeneidade constitutiva do discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004) e, com ela, algumas de suas implicações históricas, políticas e ideológicas.

Assim, justificamos a escolha de dois tipos de corpus: o de arquivo e o experimental, não considerados estanques, mas em constante jogo de produção e reprodução de sentidos



no movimento incessante com o interdiscurso. Buscamos, desse modo, “[reconhecer] os corpora como inseridos em uma rede interdiscursiva de formulações” (SARGENTINI, 2008, p. 106), priorizando, assim, uma possibilidade de vislumbrar a heterogeneidade das formações discursivas a serem delineadas e, conseqüentemente, a complexidade dos dizeres que ora se complementam, ora se contradizem, mas nunca se completam no espaço entre a estrutura e o acontecimento¹³.

Sargentini (2008) analisa esse aspecto metodológico, atribuindo a Foucault uma mudança importante no processo de construção do dispositivo analítico:

A entrada das reflexões de Foucault (1986) sobre arquivo na Análise de Discurso reconfiguram seu modo de recortar o objeto de análise. Foucault, para estudar as unidades do discurso, distingue a **análise de língua**, que se estabelece em um quadro de diferenças, daquilo que chamará, ao propor a análise arqueológica, de um projeto de “**descrição dos acontecimentos discursivos**”. [...] O enfoque foucaultiano privilegia a análise do sistema da discursividade, no qual se busca resposta à questão: por que razões certos enunciados apareceram? O autor defende que a emergência dos enunciados dá-se graças a um jogo de relações que caracterizam o nível discursivo, sendo essa a instância na qual se define a **possibilidade e a impossibilidade de ocorrência de um enunciado**. (Ibid., p. 104-105, grifos nossos).

Essa reflexão nos auxiliará na construção do caminho teórico-metodológico no decorrer da análise discursiva do currículo de língua inglesa na escola bilíngue, abrangendo tanto as falas de professores e coordenadores (corpus experimental), quanto os dizeres legitimados pela instituição escolar e pelo Estado (corpus de arquivo).

Nesse caminho, não poderemos deixar de considerar, portanto, a materialidade linguística em sua relação constitutiva e heterogênea com o acontecimento discursivo, buscando compreender os limites entre o dizível e o não-dizível no espaço discursivo recortado.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

¹³ Aludimos ao renomado título que Michel Pêcheux escolheu para sua última obra, publicada em 1975 (cf.: PÊCHEUX, 2002).



AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAGHIN, D. Em inglês ou em português? In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n.6, Campinas: Pontes, 2001.

BAGHIN-SPINELLI, D. C. M. **Ser professor (brasileiro) de língua inglesa: um estudo dos processos identitários nas práticas de ensino.** Tese de doutoramento. UNICAMP, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases.** Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases para a Educação Nacional. Brasília, DF, 1961.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases do 1º e 2º graus.** Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional. Brasília, DF, 1996.

CARRIKER, M. K. **(Re)construção de identidades em narrativas na primeira pessoa: casos de bilíngües.** 1998. 173p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp. 1998.

CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira.** Tese de Doutorado. UNICAMP, 2002.

COELHO, V. M. de G. **Casais interétnicos – filhos bilíngües?: representações como indícios de políticas de (não) transmissão da língua minoritária da família.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp. 2009.

CORACINI, M. J. R. F. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In **Letras & Letras**, Uberlândia, jul./dez., n. 14 (1), p.153-169, 1997.

CORACINI, M. J. R. F.; BERTOLDO, E. S. (Org.) **O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre a sala de aula (língua materna e língua estrangeira).** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

CORREDATO, V. D. **O Ensino Bilíngue em São Paulo: práticas de imersão em um contexto monolíngue.** Monografia (especialização). Anhanguera Educacional, 2010.

COSTA, M. A. M. **Do sentido da contingência à contingência da formação: um estudo discursivo sobre a formação de professores de inglês.** Tese de doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, 2008.

COUNCIL OF EUROPE: Council for Cultural Co-operation; Education Committee; Modern Languages Division; Strasbourg. **Common European framework of reference for languages: Learning, teaching, assessment.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DAVID, A. M. F. **As concepções de ensino-aprendizagem do projeto político-pedagógico de uma escola de educação bilíngue.** Dissertação de Mestrado. Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC São Paulo. 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é uma literatura menor? In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor.** Trad. Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 25-42.



DONINI, L.; PLATERO, L. WEIGEL, A. **Ensino de língua inglesa**. CARVALHO, A. M. P. de. (coord.). São Paulo: Cengage Learning, 2010.

DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics**. New York / London: Harvester Wheatsheaf, 1982.

FORTES, L. **Sentidos de “erro” no dizer de professores de inglês/língua estrangeira: uma reflexão sobre representações e práticas pedagógicas**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GARCIA, B. R. V. O ensino de inglês para crianças nas concepções da mídia. In: GARCIA, B.R.V.; CUNHA, C.L.; PIRIS, E.L.; FERRAZ, F.S.M.; GONÇALVES SEGUNDO, P.R. (Orgs.). **Análises do Discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP**. São Paulo: Paulistana Editora, 2009. ISBN 978-85-99829-38-7. Disponível em: <http://www.epedusp.org>

GRIGOLETTO, M. Representação, Identidade e Aprendizagem de Língua Estrangeira. In **CLARITAS**, São Paulo, nº 6:, maio, 2000, 37-47.

GRIGOLETTO, M. Um saber sobre os sujeitos: práticas de subjetivação no discurso político-educacional sobre línguas estrangeiras. **Anais do Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas**. Set/ 2004 (p.453-459).

GUILHERME, M. Critical citizens for an intercultural world. **Foreign language education as cultural politics: Multilingual Matters**. Clevedon, 2002.

KACHRU, B. B. (ed.) **The other tongue: English across cultures**. 2nd ed. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1992.

LACOSTE, Y. (Org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MELLO, H. A. B. **“O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês”**: eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma “escola bilíngue”. Tese de doutoramento. IEL/Unicamp, 2002.

MOURA, S. de A. **Com quantas línguas se faz um país?** Concepções e práticas de ensino em uma sala de aula na educação bilíngue. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

ORLANDI, E. P. Apresentação. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001. p. 7-20.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5 ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2002.



- ORLANDI, E. P. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar**. INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.) São Paulo: Claraluz, 2005.
- ORLANDI, E. P. Há palavras que mudam de sentido, outras... demoram mais. In: **Política linguística no Brasil**. Campinas, SP. Pontes, 2007a.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007b.
- PAYER, M. O. Linguagem e sociedade contemporânea: sujeito, mídia, mercado. **Revista Rua**, Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp, n. 11, p. 9-25, mar. 2005.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an International Language**. London; New York: Longman, 1994.
- PENNYCOOK, A. **Critical applied linguistics**: A critical introduction. Mahwah, New Jersey & London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2001.
- PHILLIPSON, R. **Linguistic Imperialism**. Oxford; New York: Oxford University Press, 1993.
- POPKIEWITZ, T. S. História do currículo, regulação social e poder. In: TADEU DA SILVA, T. (Org.) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 97-110.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da lingüística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.) **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- REVUZ, C. A Língua Estrangeira entre o Desejo de um Outro Lugar e o Risco do Exílio. In SIGNORINI, I. (org.) **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
- SÃO PAULO (Município). Conselho Municipal de Educação. **Parecer n. 135 de 11 de dezembro de 2008**. Dispõe sobre o funcionamento de Escolas de Educação Infantil Bilíngue. São Paulo, SP, 2008.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria da Educação. Coordenação geral: Maria Inês Fini. Coordenação de área: Alice Vieira. São Paulo: SEE, 2010.
- SARGENTINI, V. M. O. Objetos da AD: novas formas, novas sensibilidades. In: SARGENTINI, V. e Gregolin, M. R. (Orgs.) **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Clara Luz, 2008. p. 103-113.
- SEIDLHOFER, B.: 2004, Research perspectives on teaching English as a lingua franca, **Annual Review of Applied Linguistics**. 24, 209-239.



SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **DELTA**. Fev. 1997, vol.13, n.1, p.63-81.